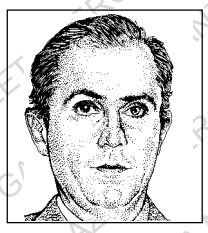
OPINIÃO



Rogério Mori*

Política monetária: olhando adiante

Não se pode descartar uma parada pelo BC na flexibilização da Selic em 2008

As sinalizações do Banco Central (BC) relativamente à condução da política monetária indicam que uma parada no ciclo de flexibilização ocorrerá inevitavelmente ainda neste ano. Nesse contexto, cabe indagar, olhando adiante, acerca das perspectivas futuras nesse processo e das possibilidades de uma retomada da redução da meta da taxa básica de juros (Selic) mais adiante.

Sob essa ótica, fica claro que a essência da resposta em torno dessa indagação reside nas condições que estariam levando o BC a suspender a diminuição da taxa Selic e na evolução dinâmica dessas variáveis nos próximos meses. Nesse contexto, alguns elementos merecem destaque, em particular, no que tange à inflação e à atividade econômica.

Nessa lógica, fica claro que o ambiente inflacionário registrou mudanças significativas nos últimos meses, como pode ser observado, inclusive, pelo comportamento dos núcleos de inflação, que subiram significativamente. Grande parte dessa mudança foi comandada pela alteração na dinâmica dos preços dos alimentos, que pode ser verificada tanto do lado do atacado quanto no varejo. Não sem razão, as expectativas de inflação vêm registrando elevações sistemáticas desde junho e as projeções para 2007, que estavam próximas a 3,5% para o IPCA em meados do ano, já atingiram o patamar de 4,0%. Para o ano que vem, as projeções já se situam no patamar de 4,1%, mas, caso o cenário de inflação pressionada persista por mais algum tempo, é razoável supor novas altas nessas projeções mais adiante.

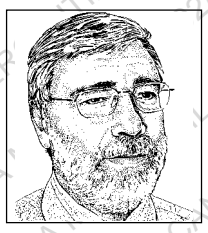
Destaque-se, ainda, que essa inversão no cenário inflacionário recente, diferentemente de outros episódios nos últimos anos, ocorreu sem que houvesse uma mudança súbita do lado da taxa de câmbio, indicando que a origem desse processo não está associada diretamente a esse canal (mais que isso, o real registrou novas apreciações frente ao dólar nesse período). A somatória dos elementos no campo da inflação sugere, nesse contexto, que o BC deverá suspender a flexibilização da política monetária por algum tempo.

Do lado da atividade econômica, os sinais apontam na mesma direção: a evolução dos indicadores indica um grau de aquecimento relativo significativo em 2007 e sugere um crescimento do produto entre 4,5% e 5,0% no ano. Nesse processo, algumas variáveis são determinantes, com destaque para a expansão do crédito verificada nos últimos meses. Esse crescimento está claramente associado ao ciclo de flexibilização da política monetária, que tem sido acompanhado não apenas por reduções das taxas na ponta do empréstimo, mas também pela ampliação de prazos. Sob essa ótica, pode se observar que alguns setores, como o automotivo e a construção civil, têm registrado desempenho recorde ao longo do ano, com elevada utilização da capacidade instalada e boas perspectivas para o fechamento de 2007. Adicionalmente, vale destacar que a ampliação dos gastos do governo e das transferências para as famílias no período também tem um papel nesse processo, contribuindo para um crescimento mais expressivo no ano. As indicações para os próximos meses sugerem que esse quadro não sofrerá reversões, sinalizando que o ritmo de crescimento da economia brasileira ainda deverá permanecer inalterado mais adiante.

Sob essa perspectiva, as maiores preocupações do BC residem na compatibilidade da expansão da demanda agregada à da oferta sem a geração de pressões inflacionárias significativas, que venham a desviar a inflação medida pelo IPCA do centro da meta de 4,5% em 2008. É por essa razão que a evolução dos investimentos produtivos tem sido acompanhada de perto por analistas e pelo BC, pois representa a peça central nessa equação e o governo comemorou o expressivo aumento da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) no segundo trimestre de 2007.

Apesar disso, no balanço dos riscos realizado pelo Banco Central, as indicações são de que, ante o quadro inflacionário atual e suas perspectivas futuras, que sinalizam para um patamar relativamente mais elevado daqui por diante, e em face da evolução da atividade econômica recente, o BC deverá parar de reduzir a taxa de juros para avaliar o cenário. Nesse contexto, o desenho da política monetária em 2008 ainda está condicionado à evolução dessas variáveis nos próximos meses e não se deve descartar inteiramente uma reversão desse processo por parte do BC.

* Professor e coordenador de Macroeconomia Aplicada (Cemap) da FGV/EESP. **Próximo artigo do autor em 14 de outubro**



Leonardo Trevisan*

A hora da Bolsa Responsabilidade

No final deste mês, as escolas da rede estadual de ensino terão uma novidade: o velho e bom boletim estará de volta. Até agora cada escola fazia o que queria, inclusive, apenas comunicação verbal ao aluno da nota de cada disciplina. Os pais passam a receber um relatório de desempenho e devem assiná-lo. Só os maiores de idade, como manda a lei, serão os próprios responsáveis pelo que fazem na escola.

A secretária da Educação, Maria Helena Guimarães de Castro, justificou a medida dizendo que é um instrumento de acompanhamento da vida escolar "que existe em todas as boas escolas particulares". De fato, a democracia, que tenta distribuir iguais oportunidades, agradecerá a iniciativa. Como as notas voltaram a ser expressas em números inteiros, de zero a dez, os pais mais atentos também devem agradecer.

É curioso, mas esse elementar exercício de bom senso pode fazer muita coisa pelo País. É claro que este boletim pode se transformar em uma espécie de instrumento de certificação, ainda que precário, sobre o histórico escolar de quem apresenta um diploma de ensino médio. Muitas aprovações raspando dizem algo sobre qualquer trajetória escolar. Pode vir a ser, portanto, um cadastro positivo sobre aquele aluno, sempre um risco na hora da seleção profissional. Hoje, do jeito que está, a escolha é feita pela cara do candidato e nada mais, sem maiores critérios diferenciadores, o que é muito mais injusto, por exemplo, para os que têm endereço "ruim".

Boletim, no entanto, tem outras funções além de cadastro, positivo ou negativo. É clássica orientação aos pais, inclusive sobre o desempenho deles na função de pastores do futuro de suas crias. É óbvio que o documento será sinalizador de problemas: se as notas despencam, há algo de errado. Não erra quem perceber no boletim uma boa ajuda para os pais não perderem a corrida para o traficante. Recente pesquisa da Universidade Federal de São Paulo mostrou que experimentar droga é mesmo "alívio imediato" de outros sofrimentos, típicos dessa faixa etária. Pais informados, portanto, podem agir quando recebem os sinais e não depois do problema instalado.

Sem esquecer o que o IBGE mostrou: no ano passado, 393 mil adolescentes entre 15 e 17 anos tiveram filhos no Brasil. Na última década foi a única faixa etária que registrou expansão de nascimento, de 6,9% para 7,6%, uma tragédia. O fato também está ligado à atenção e apoio antes da gravidez. Os sinais do boletim podem ajudar muito a conter esta distorção. Maternidade nessa idade tem forte impacto nas condições de vida e até no mercado de trabalho. Aliás, não é muito diferente com a expansão da incidência de mortes dos rapazes, nessa mesma faixa etária, por "causas externas", um eufemismo para ferimento a bala, por exemplo.

Devolver importância ao boletim interessa a muita gente, de pais a gestores de políticas públicas, passando pelos empresários. Na verdade, esse relatório de desempenho é uma espécie de convite que o estado faz aos pais para dividir tarefas, na prática, uma autêntica Bolsa Responsabilidade. Com certeza, é bom passo, e na direção certa.

* Editorialista da Gazeta Mercantil
E-mail: ltrevisan@gazetamercantil.com.br

Marcos Redondo*

Negócios em áreas degradadas

A sustentabilidade das grandes cidades tem no uso e ocupação do solo sua peça fundamental. Somente através de um urbanismo sustentável é possível alcançar o equilíbrio entre o desenvolvimento socioeconômico e a proteção ambiental.

Neste sentido, a cidade de São Paulo não tem o que comemorar: são mais de 10 milhões de metros quadrados de áreas urbanas em processo de desvalorização, com terrenos abandonados e passivos ambientais, que em alguns casos, representam risco iminente à saúde dos moradores locais.

Apesar dos expressivos investimentos do setor imobiliário, pouco se avançou na revitalização dessas áreas. A dificuldade da administração pública em planejar e viabilizar a implantação de ações sustentáveis de desenvolvimento urbano, faz com que o setor privado ainda não tenha despertado para a grande oportunidade que se esconde atrás das áreas urbanas degradadas.

Foi através deste conceito que grandes cidades na Europa e Estados Unidos transformaram seus passivos urbanos em geração de riqueza e melhoria de qualidade de vida. São inúmeros exemplos, como a revitalização da região portuária de Barcelona, das Docas de Londres e dos passivos industriais de Chicago. Nos Estados Unidos, mais de 600 mil áreas contaminadas foram identificadas desde 1980. No início, o processo de revitalização foi lento, por conta da distância entre as autoridades municipais, órgãos fiscalizadores e empreendedores.

O ponto de mudança veio com a aproximação entre o setor imobiliário e as esferas públicas: incentivos como o Superfund foram criados e o movimento sustentável começou. Em poucos anos foram investidos US$ 6,5 bi e criados 25 mil novos empregos na reconstrução dessas áreas para um uso sustentável.

Em São Paulo, a subprefeitura da Sé lançou o projeto da Nova Luz como ponto de partida para a revitalização do centro. A iniciativa privada está disposta a investir, como demonstrado pelas mais de 300 consultas recebidas no último mês pelo lançamento do novo edital de qualificação.

Cabe ao município através das administrações regionais, com o apoio da Secretaria do Verde e Meio Ambiente e da Cetesb, ampliar esta iniciativa para outras áreas, criando um ambiente favorável aos investimentos da iniciativa privada.

Estima-se que os ganhos com a revitalização das antigas zonas industriais de São Paulo correspondam a uma receita total de R$ 12,8 bilhões e 70 mil empregos, além da melhoria da qualidade de vida nessas regiões. A revitalização urbana contribui para a diminuição da pressão imobiliária sobre as áreas periféricas de mananciais e de proteção ambiental da cidade.

Os problemas urbanos, muitas vezes insolúveis aos olhares mais céticos, devem ser tratados como oportunidades, transformando seu valor potencial em benefícios para todos. É preciso que o poder público e a iniciativa privada sejam parceiros no projeto de desenvolvimento urbano sustentável.

* Diretor-executivo da Fator Ambiental

Marcos Chomen*

Não olhe seu negócio pelo retrovisor

"Performance management" é hoje o anjo da guarda dos principais executivos

Há anos o mundo corporativo tem buscado caminhos para melhorar o desempenho dos negócios, as práticas de gestão, planejamento estratégico, orçamentário e outros temas que tiram o sono dos CEO e CFO. Porém, sempre houve um "gap" entre o que era necessário e o que é possível fazer. Esta deficiência para implementar as estratégias, muitas vezes, esbarrava na falta de informações adequadas. Afinal, como gerar resultados em um mercado competitivo e instável? As empresas precisam se adaptar às mudanças (alta do petróleo, variações cambiais, instabilidade política, entre outros fatores). Com isso, muitas vezes é preciso mudar o direcionamento estratégico e o planejamento pré-definido. Mas quando e como fazer isso?

A tecnologia traz recursos para lidar com essas variáveis. Esse cenário requer o uso de soluções de planejamento e orçamento. Atualmente, os executivos das principais empresas globais possuem um anjo da guarda na hora de tomar decisões e executar com segurança as estratégias corporativas. Esses gestores utilizam ferramentas de gerenciamento de performance para melhorar a tomada de decisão e aperfeiçoar seus negócios, superando seus concorrentes e tornando suas companhias mais competitivas.

O ponto em comum entre estes executivos americanos, japoneses, europeus e brasileiros é que eles utilizam ferramentas de gerenciamento de performance, ou, no jargão tecnológico, Performance Management (PM). Elas permitem ao executivo gerenciar todo o ciclo de planejamento e controle, possibilitando melhorias contínuas e identificação proativa de oportunidades, proporcionando mais agilidade na tomada de decisões e total transparência nas demonstrações financeiras, essenciais para uma boa governança corporativa.

O mercado vive uma realidade muito turbulenta. As companhias necessitam de informações que antecipem a próxima curva do caminho e não apenas mostrem a imagem do retrovisor. Além disso, os executivos precisam de informações transparentes e acessíveis, para atender aos requisitos da governança corporativa e efetivamente criar valor aos acionistas.

Um estudo realizado recentemente pela **AMR Research** revela que as empresas americanas vão gastar US$ 23,8 bilhões em Business Intelligence (BI) e Performance Management (PM) em 2007. As ferramentas de BI, que auxiliam a reunir informações e possuem capacidades de análise, receberão investimentos em torno de US$ 6,6 bilhões. "Dashboards" e "scorecards", ferramentas e aplicativos que possibilitam a formulação de avaliações de performance devem consumir US$ 5,5 bilhões. Ferramentas de análise de infra-estrutura consumirão US$ 4,3 bilhões.

Muitas empresas ainda controlam suas informações manualmente, por meio de planilhas. Na maioria dos casos, cada departamento de uma empresa desenvolve um planejamento individual e, no momento de consolidação dos dados, o gestor encontra dificuldade para realizar a integração das informações e ter a visão do todo. Isso, sem dúvida, dificulta a comparação dos dados, análise do desempenho e tomada de decisões. As ferramentas de PM reduzem alguns processos de consolidações de três meses para três semanas.

Os bancos apresentam grande demanda por informações e relatórios de todas as suas áreas e estão, cada vez mais, em busca da padronização dos processos para reduzir o custo total de propriedade (TCO).

Pesquisas de mercado mostram que 63% das empresas não têm acessos às informações atualizadas e confiáveis do seu próprio negócio e 66% dos mais altos executivos acreditam que não aproveitam todo o potencial de performance, pois não conseguem ver em tempo real o que está acontecendo.

Os executivos que já aderiram à tecnologia, em muitos casos, recebem e analisam as informações contidas no sistema de BI diretamente em seus dispositivos como o "blackberry", por exemplo. Além disso, já é possível usar o BI em tempo real, que pode ser utilizado em instituições financeiras, empresas de serviços públicos, manufaturas e call centers para monitorar o desempenho em tempo real de dados operacionais além de atender também a demandas do SMB.

Para tomar decisões, é preciso ter uma interface que permite comparar e criar simulação de cenários. Com as práticas de gerenciamento de performance, as companhias obtêm redução de custos e melhoram os processos com tomadas de decisões mais rápidas com base em informações seguras. A velocidade para reagir é fundamental para manter sua posição no mercado e em alguns casos para garantir a sobrevivência do seu negócio.

* Diretor regional da Cognos do Brasil